Ano XXII — Lisboa, Novembro de 1966 — N.º 259

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp e Imp.: Livraria Cruz — Braga

GIBRALTAR E COMPANHIA

OU OS DIREITOS DE TRADIÇÃO

Pelo Rev. **EDUARDO MOREIRA**

O Professor Gilberto Freire, mais uma vez entre nós, trazendo-nos de novo o fulgor do seu talento, falou-nos agora particularmente de «futurologia» que, se bem o entendemos, será uma aplicação da filosofia da História, na construção imaginada dum possível futuro com os materiais até aqui obtidos. Não tem, apesar de certa semelhança, a mesma posição que nos estudos teológicos tem a escatologia, investigação progressiva das mensagens proféticas mosaico-cristãs, instruída pelos sucessos decorrentes.

É de facto aliciante o método futurológico, que consistirá, segundo entendemos, em prever circunstâncias e efeitos futuros na reunião de probabilidades lògicamente deduzidas dos sucessos coetâneos; pois se «a História não se repete» todavia as mesmas causas provocam efeitos idênticos. Deste modo, proporíamos nós uma outra ciência auxiliar: a «tradiciologia» que, se é o que os mestres chamam um hibridismo de linguagem, pelo enxerto do latim no grego, não o é mais que a futurologia, agora sugerida, e aliás a sociologia de Augusto Comte, já com direitos de cidade.

Baseando a tradiciologia neste conceito: se os contendores invocam direitos antagónicos, não sejam estes meramente repudiados, antes se busque uma solução de confronto das tradições, pois, se se aprofundarem, se encontrará numa tradição anterior o convite a soluções de paz fraterna.

Apliquemos este princípio: antes do isolacionismo norte-americano, expresso na doutrina de Monroe, de todos conhecida, muitíssimo mais velha é a de que o mundo é dos homens, sem muralhas intransponíveis, e que é o Homem que governa a Terra e não esta que o governa a ele, apesar das influências que sobre ele exerce. Lá está no livro do Génesis: *Crescei* (isto é, desenvolvei-vos pessoalmente), *multiplicai-vos* (ou proliferai em família) e enchei a terra (na aventura nómada e na fixação em colónia). Josué, ao entrar na Terra Prometida, teria esta intuição inspirada: *«Toda a região que a planta do vosso pé pisar será vossa»*. Ora, se é nosso o espaço ocupado pelos nossos pés, necessário se torna respeitar o espaço dos pés alheios. Tão simples! Os pés marcam a tradição, e as tradições, ou se guerreiam e destroem mùtuamente ou se justapõem e progridem a par. Vão surgindo agressões de conquista e a defesa consequente? Está provado que o processo por fim não rende.

A conquista é uma tradição,

Continua na pág. 6

ESCOTISMO DE INVERNO

O Escotismo é acção, é movimento. E muito embora a acção seja mais apreciada pelos jovens quando se desenvolve em pleno campo, ao sol, em contacto com a Natureza, ele pode também ser útil quando, durante o inverno, o tempo não permite os acampamentos ou as longas saídas para o campo.

O dirigente prevenido, não deixa esmorecer o entusiasmo que os seus rapazes adquiriram durante os dias alegres de verão. Em vez de os fechar na Sede a gelarem de frio, procurando prender-lhes a atenção a palestras igualmente frias e sem interesse, leva-os a interessarem-se por museus, exposições, desportos, ou outras actividades que lhes possam ser úteis.

As reuniões de Sede, essas serão reduzidas em tempo e número, aproveitando-as para pôr em ordem os elementos de estudo recolhidos durante as idas ao campo nas actividades do último verão, tais como fósseis, plantas, folhas de árvores, insectos, etc. Será esta uma forma de manter sempre presente a alegria desses dias de sol vividos meses antes, com a evocação dos mais felizes momentos.

Estar atento aos domingos ou feriados, em que o sol nos faz as suas alegres visitas, e aproveitá-los bem, saindo com os rapazes por essas estradas que cruzam campos, fazê-los correr até ao cansaço, respirando sôfregamente o bom ar dos campos encharcados, fazê-los cantar com alegria e viver com satisfação os bons momentos que a vida nos proporciona, estimulando a sã camaradagem e o espírito de patrulha indispensável no Escotismo.

Continua na pág. 6

APRENDA A CAIR

Falar-se em aprender a cair pode parecer um pouco estranho, mas na realidade, não nos deve surpreender muito, pois o tema de que vamos tratar é algo que pode ser observado em numerosos casos de quedas, das quais as pessoas saem por vezes bem sucedidas e outras com lesões graves, em circunstâncias inesperadas.

Sem dúvida que ainda melhor do que aprender a cair será evitar todas as causas de quedas, tais como solos escorregadios, escadas defeituosas ou mal construídas e todos os obstáculos que provoquem tropeções. Mas, muitas vezes, e por muito empenho que nós ponhamos em eliminar as causas de quedas, estas continuam a suceder e não temos outra solução que não seja tomar medidas para evitar, ou fazer diminuir, a gravidade da lesão.

Para se perceber melhor o significado de «um método correcto de cair», é de toda a conveniência que relatemos alguns acidentes que se deram e as suas consequências.

Uma menina de dois anos correu para uma janela dum quarto andar, apoiou-se contra o parapeito, perdeu o equilíbrio e, voando, foi cair no terreno que se achava a uns 12 metros abaixo. Levada, de urgência, ao hospital, os médicos, muito surpreendidos, só encontraram alguns ferimentos e contusões de pouca gravidade.

Outros casos similares são o de um rapaz que, estando a brincar com um irmão em casa, tropeçou num móvel, caiu no chão e fracturou um pulso. E o de uma rapariga que escorregou na rua, num pouco de água, e caiu ao chão sem ter mais maçada que a de limpar o vestido. A vítima desta segunda queda tinha estudado danças modernas desde a idade dos sete anos.

Qual será a causa destas diferenças, tão grandes, nas lesões sofridas por duas das vítimas, comparadas com as outras duas? A resposta não traz nada de novo. O que fere não é a queda, é a forma como se chega ao chão.

A menina que caiu da janela sofreu uma queda que, fàcilmente, poderia ter sido mortal. O que a ajudou a salvar-se foi ela ser jovem de mais para se aperceber do perigo em que estava e não se assustar enquanto caía. A maioria das pessoas não têm ideia do importante que é, durante uma queda, não se atemorizar. Quando a pessoa consegue chegar ao chão sem se assustar, o seu corpo encontra-se mole e a falta de tensão nos músculos reduz a possível lesão. Um corpo que esteja tenso cai no chão como uma tonelada de ladrilhos, fracturando os ossos sob a terrível força do impacto.

Os acrobatas, os atletas e os pára-quedistas, são um bom exemplo. Eles não se lesionam ao cair porque perderam o medo reflexo, devido aos treinos. Aprenderam a cair, a descontrair-se, a amolecer o corpo e a rebolar-se. É possível que o que ajudou a rapariga que tinha tido lições de baile, para não sofrer lesões na sua queda, tenha sido uma reacção correcta, criada pelo seu treino na dança moderna.

Milhares de lesões incapacitadoras poderiam ser evitadas em cada ano se, nas escolas, fosse dada instrução às crianças sobre a maneira correcta de cair.

Seria impossível eliminar todas as quedas acidentais, ainda que se eliminassem todos os riscos ambientais que as ocasionam. Os psicólogos, que têm estudado as razões pelas quais as pessoas caem, dizem que muitas quedas são causadas por factores pessoais, físicos ou emocionais, e não por solos escorregadios ou impactos contra objectos que não se vêem.

Isto indica que é preciso ensinar, desde a infância, a maneira correcta de cair sem se lesionar. Para isto, é preciso que se conheça a mecânica do corpo.

Na realidade, ao andar e ao correr, estamos a passar por uma série de quedas rítmicas e controladas. Quando caímos, é porque é interrompido o ritmo, por causa de uma falha na coordenação dos movimentos.

Eis aqui os pontos que devem ser lembrados e aprendidos para conseguir cair sem sofrer lesões graves:

— **Ao cair para a frente:** Os braços devem ser mantidos estendidos para a frente, os cotovelos ligeiramente dobrados e as mãos abertas e com os dedos estendidos. No momento de tocar no chão, deixa-se que os braços se dobrem para o corpo amortecer, assim, a pancada.

— **Ao cair para o lado:** Deve-se virar o corpo para bater no chão com a parte traseira do ombro. Depois de tocar no chão, deve-se rebolar seguindo o impulso da queda.

— **Ao cair para trás:** Devem colocar-se as mãos e os antebraços primeiro. As costas manter-se-ão dobradas, com a cabeça baixa e para diante, a fim de receber a segunda pancada nas nádegas.

— **Ao cair de pé:** Deve-se cair na ponta dos pés. Ao sentir a pancada dobra-se os joelhos e tornozelos; o resto do corpo inclinar-se-á, para conseguir o efeito de amortização da pancada.

Diário Popular

Completou 24 anos de existência, o «Diário Popular», jornal de grande informação que goza de justo prestígio na imprensa diária da Capital, onde tem exercido acção preponderante.

Na pessoa do seu director, o Sr. Dr. Martinho Nobre de Melo, felicitamos todos quantos trabalham nesse órgão da imprensa.

Três gerações de Escoteiros



Esta fotografia conta a história de uma família de escoteiros, ao longo de mais de 50 anos. Ao meio, sentada, vê-se a sr.ª D. Maria Luísa Correia de Magalhães Esteves Pereira que, por volta de 1912, foi a primeira guia de Portugal. Está rodeada por seu filho, sr. Luís Artur Correia de Magalhães Esteves Pereira, que fez compromisso de honra, como escoteiro, em 1933; e por suas netas, a Maria Teresa, a Maria Margarida e a Maria do Céu, que são guias de Portugal desde 1964, e ainda por seu neto, o João Paulo, que, no ano passado, fez a promessa de lobito.

Um Curso de Português por correspondência

A prestante Sociedade de Língua Portuguesa acaba de iniciar um curso de português por correspondência. Tal iniciativa é digna dos maiores louvores, pela necessidade que se nota dum melhor conhecimento da nossa língua. Recomendamos aos novos, particularmente aos Escoteiros, a participação neste útil curso, devendo os interessados dirigir-se àquela Sociedade, na Rua de S. José, 41-2.º, em Lisboa 2.

Rectificações

Na reportagem do X Acampamento Nacional, que publicámos no penúltimo número, dissemos que o nosso amigo e assinante Sr. Rev. Vidal Vieira dos Santos tinha sido distinguido com a Medalha de Ouro de Bons Serviços, quando efectivamente se trata da Medalha de Mérito de Ouro.

Também na notícia sobre o funeral do nosso estimado assinante patrocinador Sr. Gerardo de Sousa, aludimos a uma deputação do Grupo n.º 19, da Pontinha, quando a este grupo ainda não foi dado número, por ainda se encontrar em fase de organização.

As nossas desculpas.

Posto de observação

Sugestão apenas

Sou dos que pouco assistem às emissões da Televisão, por considerar que o proveito que se pode tirar dessas emissões raramente compensa o tempo que se perde a olhar para o pequeno «écran».

Todavia, sempre que qualquer causa fortuita me leva a assistir a um programa de T V, não deixo de lhe prestar o melhor da minha atenção, procurando analisar o que faz e o que poderia fazer tão poderoso órgão de divulgação.

Pelo que já me foi dado apreciar e por tudo quanto oiço dizer, creio que um dos maiores flagelos da Radiotelevisão Portuguesa se relaciona com os programas dedicados à juventude, nomeadamente o famigerado programa infantil, especialmente destinado aos mais novinhos e que parece ter o espantoso condão de cansar as crianças.

Reconheço que tratar com crianças ou trabalhar para elas é uma das mais difíceis tarefas do adulto. Também é de justiça reconhecer os esforços que os mentores desse programa têm feito para o melhorar.

Mas, que diabo, não haverá de entre aqueles senhores quem tenha lido Rudyard Kipling, Baden-Powell ou Stanley Holbrook-Jones?

Porque esquecerá o «programa infantil» que aquilo que as crianças mais desejam é o **ar livre** e teima em fechá-las num recinto, que incompreensìvelmente tem sempre o mesmo aspecto de circo, com as mesmas caras que sopram para o mesmo microfone?

Porquê filmes estúpidos, sem princípio nem fim?

Passeiem, senhores, com as vossas poderosas câmaras, por esses campos fora e mostrem às crianças as belezas que a Natureza encerra, expliquem-lhes como desabrocha uma flor, mostrem-lhes o voo gracioso das borboletas ou dos pardais, ensinem-lhes a amar e a respeitar essas coisas. Desçam aos jardins, à rua, e acompanhem as brincadeiras despreocupadas das crianças, transmitam os seus sorrisos felizes e confiantes. Nada de mistificações e mostrem-lhes o lado feliz do grande circo da Vida.

E se lhes servir mais uma sugestão ela cá vai. Captem ao vivo e no local próprio uma boa actividade de lobitos ou avezinhas e terão feito um óptimo trabalho em proveito dos mais jovens espectadores.

E o Escotismo nada lhes levará pelo serviço.

Mariano Garcia

CANCIONEIRO ESCOTISTA

UMA INICIATIVA EM VIA DE REALIZAÇÃO

A publicação de um cancioneiro das diversas canções escoteiras foi uma iniciativa que **«Sempre Pronto»** procurou levar a efeito, mas que a falta de recursos não permitiu realizar completamente. No entanto, graças à boa vontade do Maestro António Gonçalves, foi possível conseguir a música de grande número de canções, que se conservavam apenas de ouvido. Os chefes Armando Inácio e Pena Ribeiro, forneceram as letras e entoavam as canções enquanto aquele conhecido antigo escoteiro e brilhante artista musical apanhava e escrevia as músicas, corrigindo defeitos originados pela sua conservação de ouvido. Foi um trabalho árduo, que importa destacar pela boa vontade de que aqueles nossos colaboradores deram prova.

Tendo o trabalho ficado suspenso nesta altura, a Fraternal e o Serviço de Material e Uniformes da A. E. P. manifestaram interesse em levar por diante a iniciativa, tendo nós com todo o prazer transferido para aquele Serviço o seu prosseguimento. Isso deu lugar a nova concentração de boas vontades. O Sr. Humberto Martins, presidente da Fraternal, pôs as suas notáveis aptidões artísticas ao serviço da obra, desenhando uma interessante capa, bem como as notas musicais. O antigo escoteiro-chefe Manuel Tacão Monteiro juntou mais trabalhos musicais; o Eng.º Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto, escreveu o prefácio, estando a obra pronta em folhas copiografadas, de muito bom aspecto, contendo cerca de 40 canções, a que se seguirão novas peças.

A obra pode ser adquirida em fascículos. O primeiro, constando da capa, introdução e as primeiras seis canções, custa 10$00. Cada conjunto de vinte canções seguidas custa 10$00 cada. Podem também ser adquiridas sòmente as letras das canções.

Os pedidos podem ser feitos ao S. M. U. na Rua de S. Paulo, 254-1.º, Lisboa 2.

DOS AÇORES



Casamento da sr.ª D. Judite de Fátima da Silva Araújo com o nosso estimado amigo sr. Leopoldino da Rocha Tavares, realizado, como o nosso jornal noticiou, em 4 de Setembro último, em Angra do Heroísmo. À saída da Igreja Paroquial da Conceição, os escoteiros do Grupo n.º 52 daquela cidade, fazem guarda de honra ao novo casal.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Ora faça favor de rir...

O Grupo **X** tinha acampado, em local muito isolado, nas faldas da serra de Monsanto. Dada ordem para recolher, cada patrulha foi à sua tenda e, como se tratava de um turno mais fácil — o primeiro —, entrou de sentinela um escoteiro **pata-tenra.** O chefe deu as instruções: **Não deixas ninguém aproximar-se do campo; se alguém desobedecer, não tenhas receio de lhe dar com a vara e, se te vires aflito, dás o alarme, apitando três traços.**

Nesta altura, já um escoteiro sénior, embrulhado num lençol, se tinha escondido atrás de uma sebe, disposto a pregar uma partida ao noviço, que todos julgavam medroso.

Tocou a silêncio e, um bocado depois, todos fingiam dormir, mas esperando rir e troçar do susto do **pata-tenra.**

Detrás da sebe, saltou então a improvisada **alma do outro mundo,** e a sentinela gritou-lhe: **Quem vem lá, faça alto!**

Mas a **alma era surda** e a sentinela repetiu o grito segunda e terceira vez. Então avançou para a **alma penada** e já levantava a vara... mas roeu-lhe a consciência e disse-lhe:

— **Tenho dó de ti, quando não apanhavas uma varada...**

Um oportuno inquérito de «SEMPRE PRONTO»

Merecerá realmente a pena trabalhar pelo desenvolvimento dos Escoteiros de Portugal?

Qualificado e esforçado dirigente escoteiro, que recentemente participou em reunião escoteira de carácter regional, onde representou Portugal, chocado pelo paralelo entre a letargia em que vivem os Escoteiros de Portugal e a acção progressiva que se nota nas associações de toda a Europa, ao elaborar o relatório daquela reunião, formulou judiciosas perguntas, que nos parecem dignas de meditação por todos aqueles que têm qualquer responsabilidade no Movimento.

Não vamos comentar aqui as perguntas feitas porque não sabemos se aquele dirigente desejará que as tornemos públicas, mas achamos que é realmente chegado o momento de procurarmos, nós próprios, uma resposta para as interrogações que temos ouvido formular, tantas vezes, a muitos daqueles que dedicadamente vêm trabalhando pelo Escotismo. Porque será que os Escoteiros de Portugal não conseguem sair da mediocridade em que se arrastam há tantos anos? Será de admitir que a Associação dos Escoteiros de Portugal tenha o reduzido efectivo de 500 escoteiros e dirigentes, talvez a mais pequena associação escoteira do mundo? (Parece que só os principados de Mónaco e Liechtenstein têm menor efectivo. O Luxemburgo tinha, em 1964, 3 532 membros para uma população muito menor que a nossa).

Ninguém estará em melhor condição que os dirigentes escoteiros para dar resposta a todas estas inquietudes. Vamos, portanto, escolher alguns chefes, que aos Escoteiros de Portugal deram ou estão dando o seu esforço, para deporem neste inquérito. Serão eles quem, pelos seus conhecimentos e pela sua experiência, nos poderão dar pareceres judiciosos que possam servir para orientação daqueles que ainda se interessam pelos Escoteiros de Portugal. Daqui lançamos o apelo para que nos dêem o seu parecer todos que forem consultados.

O inquérito constará de três perguntas:

— PORQUE SERÁ QUE O ESCOTISMO NÃO ATINGIU AINDA EM PORTUGAL O DESENVOLVIMENTO QUE ALCANÇOU NOUTROS PAÍSES?

— PARECE-LHE QUE SE DEVERIA TENTAR UMA MOBILIZAÇÃO DE ESFORÇOS PARA DAR INCREMENTO AOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL OU SERÁ PREFERÍVEL DEIXAR AS COISAS COMO ESTÃO?

— QUE MEDIDAS SUGERE PARA SAIR DO LETARGO EM QUE O MOVIMENTO SE ENCONTRA?

Publicaremos todas as respostas dadas ao nosso inquérito — sejam quais forem as opiniões expressas — dentro dos limites do condicionalismo que rege a imprensa e das normas de respeito que devemos aos nossos leitores. Pedimos apenas que as respostas sejam objectivas e concisas.

Serviços Centrais

Conferência Europeia de Escotismo

Oportunamente regressado de França, onde assistiu em Vichy à Conferência Europeia do Escotismo, o Chefe Geral Adjunto, Eng.º José Maria Nobre Santos, distribuiu já o seu relatório narrando o que foi aquela importante Reunião Escotista, tecendo alguns úteis comentários sobre os assuntos ali tratados e a posição do Escotismo em Portugal.

Agradecemos os exemplares do relatório que nos foram remetidos, ao qual dispensámos a melhor atenção.

Visita do Chefe-Geral Adjunto ao Norte

Retomando a intensa actividade pessoal que a si mesmo impôs, o Chefe Geral Adjunto, Eng.º José Maria Nobre Santos, esteve no Porto, onde reuniu com os chefes dos Núcleos de Porto e Gaia e com os respectivos chefes dos grupos, com vista ao estabelecimento de um programa de actividades para o próximo ano, procurando uma acção mais efectiva dos grupos e a consequente expansão da A. E. P. no Norte do País.

Desta frutuosa reunião, ficaram em estudo algumas sugestões, devendo pròximamente assentar-se num plano conjunto de actividades para aquela Região. — C.

ASSINANTES PATROCINADORES

Mais um nosso dedicado leitor e amigo acorreu a dar a sua simpática adesão à categoria de assinante patrocinador, trazendo-nos pessoalmente a importância da sua quota anual, Esc. 50$00. Trata-se do antigo escoteiro sr. António F. Xavier de Brito, que foi um dos escoteiros fundadores do Grupo n.º 2, antigo chefe do Grupo n.º 79 e presidente do Direcção do mesmo, desde há alguns anos.

Agradecemos e continuamos a fazer apelo a outros amigos, que sabemos quererem inscrever-se, mas ainda não tiveram oportunidade de nos escreverem.

EXEMPLOS ESCOTEIROS

As bebidas alcoólicas

Qualquer acção que o álcool tenha sobre o cérebro é indirecta, porque o cérebro não absorve álcool. Nisto difere de todos os outros órgãos. Chegou-se a esta conclusão, depois de experiências com álcool radioactivo, cuja distribuição no organismo pode ser observada com precisão. Os tecídos dos rins são os que maior porção de álcool absorvem, mas estes órgãos pouco eliminam. De todo o álcool consumido, apenas 10 a 20 por cento é eliminado. O restante é consumido, pela actividade muscular. Experiências realizadas sobre coelhos, mostraram que o álcool, quando atinge a glândula pituitária, a mais importante das glândulas endócrinas, começa por a estimular, mas acaba por destruir as suas células. Supõe-se também que as bebidas alcoólicas provocam a hipertrofia da glândula tiróide.

Por isso, caro escoteiro, as bebidas alcoólicas só devem ser tomadas às refeições, mas com peso, conta e medida.

Se comeram muitos gelados no próximo verão, tomem nota

Os primeiros gelados, ao que se afirma, foram feitos em Florença (Itália), e quando Catarina de Médicis partiu para a França levou, para este país, o costume de tomar cremes gelados. Na Inglaterra e na Alemanha, foram os gelados introduzidos por volta de 1770 e os médicos combateram a sua propagação, sob a alegação de que eram prejudiciais à saúde.

Acreditamos, pois, que, depois do álcool em excesso, os gelados em demasia, também não devem fazer nada bem às tais glândulas...

Sabes qual é a origem das bibliotecas?

As primeiras bibliotecas foram as dos Hebreus: guardavam as «tábuas da lei», os livros de Moisés e dos profetas.

A mais antiga colecção de livros que a História menciona é a que constituiu Osymandias, um dos primeiros reis do Egipto, doze séculos antes da nossa era. Havia uma biblioteca em Memphis, no templo de Vulcano, mas a mais rica da antiguidade foi a de Ptolomeu, em Alexandria, a qual continha 54.800 volumes e manuscritos. Depois de ter sido queimada sob o domínio de César, foi mais tarde reconstituída e reunidos, então, 700 mil volumes. No ano de 650, o califa Omar mandou-a incendiar, ficando puramente destruída.

Pois tu, Amigo escoteiro, não seguirás certamente o exemplo do tal califa, antes, pelo contrário, deves na sede do teu grupo, aumentar os volumes da vossa pequenina biblioteca e ainda mais tratar todos os volumes com o maior carinho, pois eles são os nossos melhores amigos.

Os dentes do caracol

Já temos analisado, por vezes, que alguns escoteiros se assemelham aos caracóis quando os vimos partir alegres e contentes, para os acampamentos, «levando a casa às costas». Ora, por uma observação feita há anos por um zoólogo alemão, o caracol das vinhas também tem dentes. Isto já parece estranho. Mas o mais notável ainda não é isso. O que causa verdadeiro assombro é essa dentadura chegar a ter 14.000 dentes!

Neste aspecto, não é parecido com os escoteiros.

E por hoje, ficamos por aqui. Para o mês que vem, há mais.

Eugénio Ribeiro Nunes

O Escoteiro é amigo dos animais

A TOUPEIRA

Alguns animais do campo são vítimas de injustificada aversão da parte do homem, que tantas vezes comete o erro de destruir espécies, que são utilíssimas pela quantidade de vermes e outros animais perniciosos para a agricultura que serve para seu alimento e que, portanto, destroem.

O *sapo* é muito referido, mas não é o único destes úteis animais. Hoje, ocupar-nos-emos da *toupeira*, a que alguns agricultores votam grande má vontade por se convencerem de que roem as raízes das plantas.

A toupeira é um mamífero muito curioso, que os Escoteiros terão grande dificuldade em encontrar nos exercícios de observação, porque passa quase toda a vida debaixo da terra. Habita as margens dos ribeiros, os campos cultivados, cavando com facilidade longas galerias subterrâneas, onde vive, alimentando-se de minhocas, larvas de besouros e de outros insectos, e ainda de lagartixas, ratos, rãs e até toupeiras mais fracas.

O corpo da toupeira é quase cilíndrico, tem a cabeça distinta do tronco e membros curtos. A sua configuração facilita a sua passagem pelos túneis que abre. A terra não se agarra aos pêlos que lhe cobrem o corpo porque estes são aveludados e curtos. Os pêlos da cabeça protegem-lhe os olhos, que são muito pequenos. Os ouvidos não têm orelhas, mas são protegidos por uma prega da pele, que impede as areias e as partículas de terra de penetrarem naqueles órgãos.

Os membros, curtos como já dissemos, terminam por patas de cinco dedos. As anteriores são armadas de fortes garras, voltadas para trás, que actuam como pás, arremessando a terra escavada e permitindo rápida perfuração da terra.

Os dentes da toupeira são eriçados de pontas muito aguçadas, como convém para o seu género de alimentação.

Certo naturalista fez prova de que a toupeira era injustamente acusada de prejudicar as plantações. Tendo examinado o estômago de quinze toupeiras, só encontrou restos de roscas e minhocas. Depois, meteu uma toupeira numa caixa com vinte vermes brancos: numa noite a toupeira devorou tudo. Em terceira experiência, fechou duas toupeiras numa caixa e ao fim de nove dias verificou que elas tinham comido trezentas e quarenta e uma roscas, cento e noventa e três minhocas e um rato, enquanto tinham ficado intactas cenouras e batatas.

As toupeiras, portanto, são animais utilíssimos para a agricultura, que devem ser protegidos.

«PROBLEMAS DOS TEMPOS CORRENTES»

Na sua edição de 16 de Outubro último, o «Diário de Lisboa» honrou-nos com a transcrição do editorial do nosso número de Setembro p. p. Agradecemos.

Curso de Primeiro-Socorristas

Está aberta a inscrição para o III Curso de Primeiro-Socorristas, organizado pelo Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais. Este Curso, cujas lições, acompanhadas de um questionário, serão enviadas pelo correio, teve início em fins de Outubro. As provas finais, práticas e teóricas, realizam-se, em Lisboa, em Maio do próximo ano, durante 3 dias, em regime de internato.

A inscrição, que é gratuita, deverá ser solicitada para a Rua do Telhal, 12-4.º-Dt.º — Lisboa-2.

Escotismo de Inverno

Continuação da pág. 1

Também se preocupa com a visita aos outros grupos, onde se irão encontrar caras conhecidas e amizades que mais uma vez recordam os dias felizes dos acampamentos, estreitando-se os laços fraternos em que o Movimento é pródigo. Haverá oportunidade para novas e variadas actividades de conjunto que proporcionarão certo número de conhecimentos úteis.

O dirigente prevenido acompanha a evolução escolar dos seus escoteiros e incita-os ao cumprimento dos deveres estudantis, procurando que a actividade do grupo jamais interfira na vida escolar do rapaz, mas aproveitando esta como complemento da sua preparação escotista, estabelecendo prémios aos mais aplicados.

Assim, colaborará na obra dos pais e dos mestres, que o Escotismo deseja completar e não substituir.

M. G.

Gibraltar e companhia

ou os direitos da Tradição

Continuação da pág. 1

mesmo definida por Napoleão, nos termos que citamos de memória: quando quero conquistar um país vou lá com os meus exércitos, e uma vez realizada a conquista mando aos meus juristas que estabeleçam os termos do meu direito!

Antes de determinada conquista, houve talvez uma conquista anterior, como a dos visigodos na Hispânia, suplantada pela dos árabes de Muçá e Tárique, e depois pela reconquista cristã, a par das colónias mercantis e pacíficas do litoral; em seguida as lutas constantes até à unificação da Espanha. Confusão tremenda dos direitos da espada e do pergaminho, das setas-e-balas e dos selos do Estado!

Quando surgem tradições diferentes, direitos antagónicos, de prática consuetudinária, de uso prolongado, de posse não contestada ou de prescrição jurídica, porque não se reúnem os peritos, expoentes de teses opostas, na busca duma forma de concórdia?

O reacender do diferendo hispano-britânico sobre o rochedo de Gibraltar despertou em nós considerações que há cinco anos fizemos noutro lugar, quando essa nação artificial que se estende por grande parte do Indostão nos arrebatou o Estado da Índia, combatendo tradições respeitáveis com sofismas de ordem geográfica, sofismas que, se se aplicassem por todo o mundo, lançá-lo-iam num tremendo *charivari*.

A propósito dessa província remota, testemunha da nossa tradição de cultura, dizíamos, quando ainda era só teórica a reclamação imperialista dos índios: que sonho seria o de transformar Goa no interposto cultural luso-asiático, centro mundial do encontro de duas civilizações! Mantemo-nos nessa visão, certos de que, em alguns pontos do nosso planeta, quando nele triunfar uma autêntica civilização, isso será possível.

Assim como nos pedaços da carne da Pátria, que o tigre hindu nos arrancou, poderia ter-se fundado um centro de estudos luso-asiáticos e de encontro de artistas e críticos das duas procedências e influências, sob uma administração colectiva (não a tiveram os andorranos medievais?) em que se respeitassem as duas tradições, também em Gibraltar se poderia estabelecer um *modus vivendi* que não favorecesse indirecta e involuntàriamente o contrabando, nem estimulasse antinomias de orgulho. Desde a conquista inglesa, tudo se modificou, menos o orgulho do vencedor e o ressentimento do brioso vencido. Gibraltar, assim como Ceuta, poderiam ser centros de estudos simultâneos das civilizações mediterrânicas. De Ceuta dizíamos nós que, em vez de pomo de discórdia, poderia tornar-se pomar de sabedoria ibero-árabe, com suas tradições mouras, portuguesas e espanholas. Não poderia o «Rochedo» ser um foco de entendimento, um clube britano-europeu? Todo o inglês é um «clubber», e no âmago de cada um existe a sensação de que «Bretanha-mor» (versão exacta de *Greater Britain*) não é especìficamente Europa. Pois bem: aproximemo-nos do binómio «autonomia-união».

Agora Londres, contra o voto espanhol, entregaria o caso gibraltarino ao Tribunal de Haia, e Madride, por seu turno, pretende levá-lo à O. N. U., ao que se opõe o voto londrino. Ora o problema é geral, não circunscrito a esses casos já expressos. Lá está Danzigue, Trieste, os Sudetas e tantos mais, inclusa a nossa Olivença, que bem poderia ser a sede académica do hispanismo, arquivo dos hispanizantes, clube de recreio e desporto fraternos das nacionalidades ibéricas, em que Portugal tivesse voz ao lado da Espanha unida, tão rica de cambiantes de língua e arte.

Oxalá que em Gibraltar se encontre uma solução honrosa para as duas nobres Pátrias, e a Espanha, lançando o olhar distraído para Olivença, faça com que Portugal também... ali vença.



O Escotismo através do Mundo

Escoteiros de Singapura

A Associação dos Escoteiros de Singapura foi reconhecida como membro da Conferência Mundial de Escotismo, com efectividade a partir de 20 de Agosto passado.

Em Singapura o Escotismo foi fundado em 1910, tendo constituído um ramo da Associação Britânica. Em Agosto de 1965, Singapura tornou-se um estado independente, tendo a associação escoteira solicitado o seu reconhecimento como membro da Conferência Mundial.

O Presidente de Singapura é o Escoteiro-Chefe-Geral. O número de membros é de 7 000, que é uma boa percentagem para a população do país, que aumentou cerca de 30 % nos últimos dez anos. A associação possui um excelente centro de treino e uma qualificada equipa para esse efeito.

ITÁLIA

Festival Mundial do Filme Escoteiro

Conforme já noticiámos, realiza-se em Fevereiro de 1968, em Veneza, o Festival Mundial do Filme Escoteiro.

Trata-se de um importante acontecimento, pois os organizadores estão interessados em lhe dar uma projecção à escala mundial.

Foi agora aberto um concurso, destinado aos escoteiros mais jovens, para a apresentação do desenho de um cartaz para o Festival.

O tema deve versar estes três assuntos: *Veneza — Escotismo Mundial — Cinematografia*, os quais devem ser combinados com a legenda: **VI Rassegna Internazionale Cinematografica Scout.**

Os trabalhos terão aproximadamente as medidas de 40 cm. de base e de 60 cm. de lado. O género de pintura é absolutamente livre, podendo ser admitidos trabalhos feitos segundo o sistema de colagens.

As produções terão de estar na posse dos organizadores até fins de Janeiro de 1967.

Estão previstos prémios para os vencedores e ser-lhes-á oferecido aboletamento em casas de escoteiros venezianos na semana que for determinada.

Ao mesmo tempo, os organizadores convidam todos os escoteiros a visitar Veneza naquele período, dentro do objectivo de tornar o Festival um acontecimento escotista importante no calendário mundial. Grupos e patrulhas poderão encontrar alojamentos e a assistência de que tiverem necessidade se, com antecedência, os solicitarem aos organizadores.

O endereço para onde os interessados se podem dirigir é: **VI Rassegna Cinematografica Scout** — Ponte della Paglia — **Venezia** (Itália).

No próximo número contamos dar mais informes a respeito deste importante acontecimento e publicar o regulamento.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Cartões de identidade

Comunica-nos a Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros que está habilitada a fornecer cartões de identidade a todos os sócios da Fraternal que os requisitarem.

Os membros desta organização que neles estiverem interessados devem enviar, para a sede da Fraternal, Rua de S. Paulo, 254-1.º — Lisboa-2, a importância de 2$50 e duas fotografias.

Festa do Magusto

Herdeiros de uma velha tradição do Grupo n.º 1, os antigos escoteiros promoveram no domingo, 13 do corrente, mais uma vez, a «Festa do Magusto», a qual foi organizada pela Secção de Campismo da Fraternal e se realizou, como no ano anterior, no Parque de Escotismo da Caparica, amàvelmente posto à disposição da Fraternal pela Direcção da A. E. P.

A reunião, que decorreu em ambiente de alegre camaradagem, deu mais uma oportunidade de convívio dos «antigos», alguns dos quais se sentiram remoçados ao contacto com o campo, entregando-se a alegres brincadeiras, nas quais participaram também algumas senhoras.

Foi com viva satisfação que se notaram algumas caras novas, sempre desejadas e bem recebidas, embora se tenha de lamentar a ausência de alguns habituais destas reuniões da Fraternal.

Estiveram presentes cerca de quarenta pessoas, entre antigos escoteiros e famílias.

Comemorações do 1.º de Dezembro

Tal como nos anos anteriores, a Fraternal estará presente nas Comemorações do Dia da Independência. Os antigos escoteiros agrupar-se-ão, como é habitual, junto do Monumento aos Restauradores, onde prestarão homenagem aos Heróis da Independência da Pátria, colocando um ramo de flores na base do Monumento.

À noite, realizar-se-á o costumado jantar de confraternização, que costuma ser a reunião mais concorrida de quantas a Fraternal promove regularmente — R.

UM PRESENTE DE NATAL PARA OS SEUS AMIGOS

Quer oferecer a seu filho, afilhado, sobrinho ou amigo um presente de Natal agradável, cuja recordação perdurará por todo o ano de 1967?

Pois sugerimos-lhe uma assinatura de «Sempre Pronto». Comunicaremos directamente aos seus amigos, num bonito cartão de «boas festas», o presente com que o distinguiu.

Aproveite ainda as vantagens que lhe oferecemos para brindes de Natal:

Um ano

1.ª	assinatura . . .	30$00
2.ª e 3.ª	» . . .	25$00 cada
4.ª e 5.ª	» . . .	20$00 cada
6.ª	» e seg.	18$00 cada

Mande-nos a sua relação de Presentes do Natal acompanhada da respectiva importância. Apresente as Boas Festas de uma maneira distinta.

Romagem ao túmulo do Dr. Marques da Mata

Por iniciativa dos antigos escoteiros do Grupo n.º 16, de Carcavelos, particularmente os srs. Ernesto Rola e Rui Coelho, vai promover-se uma romagem ao túmulo do Dr. Marques da Mata, no cemitério de Sesimbra, em 11 de Dezembro próximo, domingo, data do 1.º aniversário do seu falecimento.

O Dr. Marques da Mata, médico distinto, foi durante largos anos presidente da Direcção daquele Grupo, e o principal organizador da 1.ª Semana Z que aquele grupo de escoteiros efectuou em Lisboa e constituiu a primeira divulgação, entre nós, da Defesa Passiva.

Esperam os promotores que muitos antigos escoteiros se associem a esta justa homenagem e compareçam naquele cemitério à hora marcada, dada a facilidade de transportes para Sesimbra. Aqueles que se deslocarem nos seus carros, poderão concentrar-se às 10 horas na via de acesso à Ponte, entre as passagens de nível de Alcântara-Mar e Terra. Para mais informes, os interessados poderão dirigir-se ao nosso companheiro sr. Ernesto Rola, Rua Luís de Camões, 145-A, r/c, Lisboa 3.

PEDIDO DE MADRINHA

Escreve-nos um recluso a pedir uma madrinha, de quem possa receber conforto moral e espiritual.

Qualquer senhora que queira responsabilizar-se por esta piedosa missão poderá escrever para o seguinte endereço: João Fernandes — Hospital de S. João de Deus, n.º 67 — 4.º piso, cama 4, em Caxias.

«*O melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros*» — disse Baden-Powell.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Número 259

Novembro de 1966

O 9.º JAMBORI DO AR

Constituiu um novo êxito do Escotismo Mundial em que os Escoteiros de Portugal participaram activamente

Conforme estava anunciado, realizou-se em 22 e 23 de Outubro último o 9.º Jambori do Ar, em que os Escoteiros de Portugal participaram de maneira notável. A colaboração prestada pelos Rádio-Amadores Portugueses foi uma vez mais caracterizada pela maior boa vontade e simpatia.

Infelizmente não tem sido permitido que sejam os rapazes escoteiros a directamente trocar as suas mensagens com os seus irmãos de diferentes pontos do país e do estrangeiro. As saudações são transmitidas pela voz dos rádio-amadores, mas assim mesmo foi possível trocar mensagens não só entre grupos de escoteiros das duas associações portuguesas do Continente, Ilhas, Angola e Moçambique, mas também com grupos da África do Sul, Alemanha, Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, Espanha (Canárias), França, Gana, Inglaterra e Escócia, Estados Unidos, Itália, Malta, Suíça, bem como ainda de outros países, cujas estações não puderam ser devidamente identificadas.

Participaram na actividade cerca de 200 escoteiros e 20 estações de rádio-amadores, das quais pudemos tomar nota das seguintes: CT 1 NA, EK, EE, JW, HE, JM, GE, UT, NL, NS, HE, LD, DJ, DU. Os grupos participantes foram: 4, 15, 17, 44 e 91 do Norte. 1, 2, 8, 12, 16, 21, 79, 85 e 93, do Centro. Falta-nos ainda notícia dos grupos do Sul e dos Açores.

Sabemos que os relatórios dos grupos de escoteiros fazem justa referência à inexcedível simpatia com que foram acolhidos pelos rádio-amadores, que ofereceram imediatamente os seus serviços para a próxima actividade, enquanto estes também manifestaram o seu contentamento pela presença dos escoteiros. Um rádio-amador escreveu mesmo à Direcção da A. E. P. a expressar a sua homenagem ao procedimento dos escoteiros do Grupo 8.

A imprensa referiu-se largamente à actividade, tendo alguns jornais levado o seu interesse ao ponto de procurarem directamente colher informes do decorrer do Jambori.

O 10.º Jambori realizar-se-á em 5 e 6 de Agosto de 1967.

Cabe aqui uma palavra de louvor ao sr. Justino Estêvão da Silva, secretário-geral adjunto da A. E. P., a quem se deve uma boa parte no êxito da iniciativa.

«*Sempre Pronto*» esteve à escuta e pôde ouvir algumas das mensagens trocadas entre os grupos do Continente. Pena foi que alguns chefes tomassem parte demasiadamente activa na troca de saudações, substituindo os rapazes. Precisamos de nos compenetrar de que as actividades escoteiras são para os rapazes e que os chefes devem «esconder-se» para que os escoteiros se sintam os promotores das iniciativas. É interessante notar que nas emissões do estrangeiro as saudações são quase sempre feitas ao nível de patrulha.

Cartão de participante

O Secretário-geral adjunto da A. E. P. distinguiu este jornal com um cartão de participante «pela valiosa colaboração prestada».

Agradecemos, sensibilizados, esta deferência.

O ESPÍRITO CRIADOR

Quem observar, com olhos de ver, a «panorâmica social», poderá verificar, em quase todos os sectores da vida colectiva, uma sensível pobreza de imaginação, na maioria das pessoas responsáveis ou como tal consideradas.

É que, na realidade, parece andar meio mundo à procura das ideias alheias, para, tão depressa estas surgem, logo se «apropriar» delas.

Quando alguém, à custa de muitas lucubrações e até de sacrifícios ou de muito estudo, concebe uma ideia nova ou se abalança a uma iniciativa original, imediatamente aparecem, em aflitiva progressão torrencial, dez, cem, mil pessoas ou instituições a plagiar essa ideia ou a imitar mais ou menos servilmente essa iniciativa.

Este mimetismo psicológico, que leva o homem a copiar — e não raro a copiar mal — aquilo que custou muito esforço e muito tempo ao seu semelhante de espírito criador, animoso e pertinaz, não revela, apenas, incapacidade ideativa: denuncia também preguiça mental e, para além desta, falta de consciência ética.

Para evitar semelhante desvio, que se repete, com frequência, nos vários sectores da vida artística, literária, administrativa, económica, profissional ou social, torna-se necessário desenvolver, entre as instituições e os homens, o espírito criador.

Cada um deve, na medida das suas possibilidades, aprender a criar para si algo de novo ou pelo menos, quando não possa criar algo de novo, deve aprender a respeitar e a admirar as criações alheias.

Semelhante missão compete, especialmente, aos dirigentes das várias instituições, seja qual for a sua natureza.

No seio de cada grupo, importa criar e recriar, *constantemente, as soluções mais adequadas às respectivas necessidades, sem resvalar para as imitações desvaliosas e inadequadas ou para as extravagâncias ridículas.*

Prof. MARIO GONÇALVES VIANA

(Do «*Boletim da Câmara dos Despachantes Oficiais*», com a devida vénia)